

QUANDO O AMOR É UMA VIAGEM: AS METÁFORAS CONCEPTUAIS DOS RELACIONAMENTOS JUVENIS

WHEN LOVE IS A JOURNEY: THE CONCEPTUAL METAPHORS OF YOUNG RELATIONSHIPS

Ana Paula Ferreira
Mestre em Letras
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(anapaferr@gmail.com)

RESUMO: Este estudo tem o objetivo de averiguar se há uma forma de relacionar-se privilegiada por revista voltada para a juventude. Ele conta com a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2000, 2002 e 2005) e estabelece um diálogo com abordagens da Sociologia e da Antropologia (GIDDENS, 1993; BAUMAN, 2001, 2004 e 2005; ALMEIDA & TRACY, 2003, entre outros). As metáforas encontradas indicam a conceptualização do amor a partir de uma viagem, confirmando a necessidade de movimento a que os jovens se encontram submetidos.

Palavras-chave: Metáfora conceptual; Antropologia; Sociologia; Juventude; Emoções

ABSTRACT: This study aims to check if there is a kind of relationship privileged by a magazine intended for young people. It relies on the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF & JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2000, 2002 and 2005) and establishes a dialogue with Sociology and Anthropology approaches (GIDDENS, 1993; BAUMAN, 2001, 2004 and 2005; ALMEIDA & TRACY, 2003, among others). The metaphors found indicate the conceptualization of love as a journey, confirming the need of movement to which young people are subjected.

Keywords: Conceptual metaphor; Anthropology; Sociology; Youth; Emotions

Introdução

O interesse pelo presente estudo surgiu da observação de que, apesar de manifestarem em seus relatos o interesse por um relacionamento amoroso duradouro e afirmarem estar à procura de alguém especial, as adolescentes, em sua maioria, também exaltam as vantagens da falta de compromisso com outra pessoa. Essa aparente contradição fez com que um conhecimento maior sobre esse universo fosse procurado, não só através de leituras acadêmicas a respeito das relações amorosas contemporâneas, como também através das leituras que o público jovem faz sobre esse assunto.

A mídia, promotora de tudo o que precisa ser consumido para a aquisição de “felicidade”, orienta a ação das pessoas, indicando não só o que estas devem ter, como também o modo pelo qual devem agir, o que devem ser e pensar. Ao mesmo

tempo, é reflexo da sociedade, refletindo os anseios desta, com a intenção de atingir seu público e ser consumida por este. Em suma, ao buscar oferecer aquilo que acredita ser de interesse do público a que se destina, conseqüentemente acaba também por influenciá-lo, ratificando as regras de conduta social.

Entre os meios de comunicação de maior influência, indiscutivelmente a televisão é o instrumento midiático mais popular. As relações amorosas representadas nos programas de televisão parecem retratar a descartabilidade e a falta de comprometimento destas. De acordo com Reato (2001, p. 76), “uma [...] mensagem que os adolescentes podem retirar das novelas é de que não há necessidade de se planejar a atividade sexual; para o sexo bastaria empolgação, excitação e consentimento.”

Em relação à mídia impressa, a autora observa que as revistas destinadas a adolescentes e jovens abrem cada vez mais espaço para relatos acerca de relacionamentos efêmeros e sem compromissos.

Visando à confirmação dessa informação, foram selecionados, durante doze meses, artigos sobre relacionamentos amorosos da seção “Conversa de Banheiro” da revista **Capricho**, voltada ao público jovem do sexo feminino. Existiria, realmente, uma preponderância de certas representações do amor, as quais poderiam ser consideradas oficiais, em detrimento de outras, provavelmente não-valorizadas pela sociedade atual?

Para a verificação das representações contemporâneas acerca dos relacionamentos amorosos juvenis, são de grande valia as contribuições da Teoria da Metáfora Conceptual. Sendo a metáfora um fenômeno não só linguístico, mas, principalmente, cognitivo e sociocultural, ela fornece pistas valiosas sobre a visão de mundo dos jovens e sobre o modo como eles se relacionam.

Nos artigos analisados, observou-se a recorrência da metáfora AMOR É VIAGEM, a qual pareceu ser bastante significativa na representação dos relacionamentos amorosos contemporâneos, conforme será demonstrado a seguir. Para sua análise e para uma reflexão acerca das conceptualizações do amor construídas entre a revista e suas leitoras, foi proposta uma reflexão sobre os relacionamentos amorosos a partir de estudos de sociólogos e antropólogos que têm como foco as emoções e/ou os relacionamentos.

Kövecses (2005) afirma que, antes mesmo de os linguistas atentarem para a importância da consideração das metáforas no estudo de uma determinada cultura, antropólogos já demonstravam interesse por elas, reconhecendo-as como parte de um contexto sócio-cultural específico. Certamente, no estudo das metáforas conceituais, a parceria da linguística com as disciplinas sociais não é apenas benéfica, mas fundamental, em um estudo que pretende aliar linguagem, cognição e cultura.

Metáfora e cognição

A Teoria da Metáfora Conceptual defende que a metáfora não é uma propriedade de palavras, mas de conceitos, atribuindo-lhe dimensão cognitiva. De acordo com essa visão, a metáfora ocorre primeiramente no pensamento, e não na linguagem; trata-se de uma figura do pensamento com manifestações linguísticas.

A abordagem cognitiva ressalta que “uma metáfora conceptual é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiências em termos de outro” (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 4). Ou seja, ela é chamada de conceptual porque fornece o conceito de algo.

Domínio é o nome dado à área do conhecimento ou experiência humana. Na metáfora conceptual, há um domínio conceptual A, o qual é bem-estruturado e significativo, chamado de domínio-fonte. Há também um domínio conceptual B, chamado de domínio-alvo, o qual necessita de estruturação para que possa ser compreendido. É o domínio ao qual se deseja conceptualizar. Há, então, uma projeção metafórica, que liga o domínio-fonte ao domínio-alvo. Essa projeção é motivada naturalmente por uma correlação estrutural que associa A e B (LIMA, FELTES & MACEDO, 2008, p. 138).

As metáforas conceituais motivam a utilização de expressões linguísticas metafóricas, as quais, por sua vez, são as evidências das metáforas conceituais que lhes são subjacentes. Ou seja, as expressões linguísticas são as manifestações (modo de falar) das metáforas conceituais (modos de pensar), e é através do uso das expressões linguísticas que a existência das metáforas conceituais é revelada.

Através da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM (as metáforas

conceptuais são sempre grafadas em caixa alta), o conceito de amor é fornecido a partir do conceito de viagem. O AMOR é o domínio-alvo, aquele ao qual se quer atribuir um conceito, e VIAGEM é o domínio-fonte, a partir do qual o amor é conceptualizado. Essa metáfora conceptual possibilita a utilização de expressões linguísticas tais como: “nosso casamento não está indo bem”, “esse relacionamento chegou a um beco sem saída”, entre outras.

A variabilidade das metáforas conceptuais

Kövecses (2005) pondera que muitas metáforas são baseadas em experiências culturais e processos cognitivos de diferentes tipos. Segundo o autor,

Se for verdade que as metáforas revelam e, em alguns casos, constituem experiências humanas, então nós devemos esperar que as metáforas [...] tenham uma variação de acordo com essas divisões sociais [...], entre culturas e dentro da mesma cultura (KÖVECSES, 2005, p. 88).

As expressões linguísticas podem revelar diferenças culturais e ideológicas em sociedades que possuem metáforas conceptuais em comum. Kövecses (2002) mostra que a metáfora AMOR É VIAGEM é compartilhada por falantes da língua inglesa e do húngaro; contudo, as expressões linguísticas do idioma inglês demonstram o papel ativo dos viajantes - com a utilização de pronomes pessoais para indicar o sujeito da oração, por exemplo -, enquanto as da Hungria trazem a passividade, a conformidade diante de forças contra as quais não se pode lutar - a própria relação é o sujeito, uma entidade passiva que sofre a ação. Essa diferença revela atitudes (respectivamente, passiva e ativa) dos falantes em relação ao amor e à vida.

Dentro de uma mesma cultura, são também encontradas variações metafóricas. Grupos sociais diferentes podem, devido a experiências de vida diferentes, apresentar concepções díspares acerca de alguns aspectos do mundo. Kövecses (2005) relata que, no Japão, as MULHERES são conceptualizadas como MERCADORIAS, e, conseqüentemente, como PRODUTOS EM PROMOÇÃO. O mesmo, porém, não acontece com os homens. É possível a utilização de

expressões, tais como: “essa mulher é minha”, mas nunca, “esse homem é meu”. A divisão social existente entre homens e mulheres é refletida no pensamento e na linguagem metafórica.

As variabilidades metafóricas podem ser igualmente observadas em uma mesma cultura com o passar do tempo. O modo de experienciar o mundo se altera com a construção da história das diferentes gerações. Kövecses (2000 e 2005) afirma que, na sociedade americana contemporânea, há a prevalência de duas metáforas para o amor: AMOR É UNIÃO, com expressões linguísticas e AMOR É NEGÓCIO. A versão idealizada do amor é representada por AMOR É UNIÃO, que revela ideias mais tradicionais acerca do amor, enquanto AMOR É NEGÓCIO indica uma visão típica, que revela ideias mais recentes. Se, anteriormente, predominava o imaginário da “metade da laranja”, sugerindo que uma pessoa só estava completa quando ligada a sua outra parte, hoje, há mais forte a ideia de indivíduos autônomos, que se beneficiam ao se envolver com o outro e, através de uma relação de troca, são capazes de prosseguir ainda mais fortalecidos.

Como se pode perceber, “significados e também metáforas não são conceitos estáveis e culturalmente entrenchados, mas, sim, são negociados e re-negociados no decorrer da interação social” (SCHRÖDER, 2008, p. 41). Uma conceptualização metafórica não é imutável, e essa mudança não é acidental, mas possibilitada pelo contexto cultural. As metáforas não são motivadas apenas cognitivamente, mas também culturalmente. Quando as características da cultura mudam, o mesmo ocorre com as metáforas e com as expressões linguísticas. Nesse sentido, as metáforas são tão culturais quanto cognitivas.

Desse modo, pensar sobre metáforas do amor presentes em instrumento midiático voltado para a juventude, torna possível a identificação de aspectos da cultura jovem: o modo como esse grupo se relaciona, sua representação de mundo, o meio em que se encontra inserido, como o conceito de amor é construído cognitivamente pela faixa etária em questão.

O amor e os modos de subjetivação

Pais (2006), em uma reflexão sobre o universo jovem, aponta para a existência atual de uma imprevisibilidade do futuro, em vistas a tantas possibilidades

e inconstâncias, o que acaba por gerar uma grande relativização de tudo. Nas palavras do autor, trata-se de uma “desfuturização do futuro”; o diploma não oferece mais a certeza de um sucesso profissional, um bom emprego pode não mais existir na semana seguinte, enfim, não há mais garantias perante estruturas sociais cada vez mais fluidas. Tal inconstância pode ser observada também nos relacionamentos, cada vez mais fugazes; nem mesmo o casamento promove a estabilidade, tendo a mobilidade garantida pelo divórcio caso não “funcione”. Há, assim, uma relativa ausência de projetos para o futuro, visto que não são oferecidas quaisquer garantias de concretização, em oposição a uma crescente orientação para o presente; o importante é viver o momento.

Ponderando acerca da constituição das subjetividades na cultura jovem, Almeida e Tracy (2003) defendem a existência de um imperativo do nomadismo na sociedade ocidental. A impossibilidade de pensar em um futuro e o fato de poder estar em qualquer lugar a qualquer momento, e ter a consciência de que, onde quer que esteja, poderia estar em outra parte, faz com que a razão para o planejamento a longo prazo e para a permanência em um lugar específico se torne cada vez mais inexistente.

Nesse processo, a demarcação entre os planos interno e externo da existência é suspensa. O mundo interno perde sua importância em uma sociedade pragmática que privilegia o movimento, a ação, o ato, a vivência. O corpo assume um papel extremamente importante. É ele que é visto, que define e recorta fronteiras de sentido e estabelece os códigos de aproximação e distanciamento entre os sujeitos. “Imagem é tudo”; as roupas, as maquiagens, os acessórios, os gestos, a postura, tudo precisa estar na medida certa para expressar a adequação, a adesão visual ao grupo.

O “ficar”, modalidade bastante comum de relacionamento entre os jovens, na qual muitas vezes o primeiro beijo é também o último, possibilitando que se “fique” com várias pessoas em um curto espaço de tempo, revela não só a obrigatoriedade do movimento, mas um verdadeiro espetáculo. Sua volatilidade revela o desengajamento e a frouxidão dos relacionamentos, sua instantaneidade “significa realização imediata, no ato – mas também exaustão e desaparecimento do interesse” (BAUMAN, 2001, p. 148-149). Observa-se aqui a lógica do consumo, com

o favorecimento do “produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados” (BAUMAN, 2004, p. 21). Desse modo, necessidades e desejos são criados a todo o momento e, quando satisfeitos, são substituídos por novos, descartando-se o objeto anterior.

Giddens (1993), em consideração sobre as relações contemporâneas, apresenta o conceito de “relacionamento puro”, uma forma bastante atual de convívio, coerente com a obrigatoriedade do ato de consumir, em que as relações são iniciadas a partir do que se tem a ganhar com elas. A permanência também é condicionada à exigência de satisfação. Caso um dos envolvidos perca o interesse pelo parceiro, seja porque este não corresponde às expectativas, ou porque outro mais interessante apareceu, não há motivo para continuar investindo e a mercadoria deverá ser descartada. A permissão para entrar deve vir acompanhada da permissão para sair; o movimento nunca deve ser bloqueado.

Bauman (2005) reforça, porém, que, se para uma relação ser iniciada é necessária a vontade de ambas as partes, seu término depende do desejo de apenas uma delas. Qualquer relacionamento, portanto, gera a ansiedade, a preocupação com a decisão do outro, que pode ser a de terminar o envolvimento de uma hora para outra. O grande paradoxo das relações atuais é, então, destacado: “para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, é necessário o compromisso; mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a sofrer muito no futuro, no caso do relacionamento vir a se dissolver” (GIDDENS, 1993, p. 152).

Seguindo esse raciocínio, verifica-se que, ao mesmo tempo em que as pessoas buscam por um relacionamento que lhes tragam sensação de apoio e retorno, elas temem o compromisso, o estar “ligado para sempre” e os encargos que isso poderá trazer. Os relacionamentos seriam, nesse sentido, “bênçãos ambíguas” (BAUMAN, 2004), pois, trazem, simultaneamente, segurança e insegurança, prazer e insatisfação; geram alegrias e têm seus momentos difíceis, árduos, que as pessoas não estão preparadas nem dispostas a suportar. O ideal, portanto, seria usufruir do convívio, mas sem o estabelecimento de compromissos, com certa distância e com as “portas abertas”, garantindo a mobilidade. A princípio, esse parece ser padrão de comportamento norteador das relações amorosas hoje em dia,

em especial entre os jovens.

Amor é viagem/trajeto

A escolha da metáfora AMOR É VIAGEM para análise neste trabalho deveu-se ao fato de ser uma metáfora bastante recorrente nas representações sobre o amor construídas entre a revista **Capricho** e suas leitoras, além da possibilidade de propiciar melhor reflexão acerca do nomadismo juvenil. As considerações foram propostas a partir das expressões linguísticas retiradas da fonte impressa e todos os exemplos levantados estão com a indicação do número da edição a que pertencem.

Roteiros de viagens

Em cerca de metade dos artigos coletados, houve a recorrência ao conceito de viagem para tratar de relacionamentos amorosos. Tratando-se de uma geração que não aceita ficar parada, não é estranho que a VIAGEM seja utilizada como domínio fonte para a experienciar o AMOR.

- O uso dos verbos **ir, seguir, partir, evoluir e rolar**

O deslocamento do trajeto amoroso é sinalizado através de verbos que indicam movimento, mudança. Cabe aos namorados questionar quando vale a pena prosseguir a viagem, quais seriam os limites que, quando transpassados, acarretariam o fim da relação. As transcrições a seguir marcam a mobilidade e a inconstância das relações amorosas:

(1) Não é nada legal não poder confiar na pessoa que está ao seu lado. Também é complicado perceber quando vale a pena perdoar e seguir em frente com o relacionamento. (1067)

(2) Se quiser ir mais longe, diga a ele que adorou o que rolou entre vocês. (1071)

(3) Tudo vai às mil maravilhas. [...] vocês formam um casal fofo, passam a tarde inteira no MSN e ainda têm fôlego para falar por telefone à noite.

- (1073)
- (4) Enquanto isso, deixe a paquera rolar naturalmente. (1074)
- (5) Melhor cair fora dessa logo e partir para outra. (1081)
- (6) Quando algo não vai bem no namoro, a pior coisa é tomar decisões precipitadas, de cabeça quente! (1085)
- (7) O que aprendi com meu ex. Ele vai, mas as lições ficam. (1091)
- (8) Então, deixe o relacionamento rolar mais solto. (1092)
- (9) Geralmente, são as meninas que procuram fazer o relacionamento evoluir. (1092)
- (10) Assim, a relação pode até demorar a evoluir, mas ficará mais forte. (1092)

Na representação do amor como viagem, é fundamental avaliar o relacionamento para saber quando vale a pena continuar ou não o trajeto. Se tudo está caminhando bem, a viagem pode prosseguir e a menina pode dar algumas dicas ao garoto para que o namoro evolua. Quando algo não está legal, cabe a menina ter o “jeitinho” para falar, sempre com muita calma.

Reconhece-se, aqui, o conceito de “relacionamento puro”, desenvolvido por Giddens (1993), em clara exigência à necessidade de satisfação para a manutenção do relacionamento. As relações só apresentam sentido a partir do que se tem a ganhar com elas. Se não houver o ganho, ou se outra forma mais vantajosa de relacionamento aparecer, o término é providenciado e a troca é efetuada. O imperativo do movimento é respeitado.

Conforme sinalizado por Bauman (2005), Pais (2006), Almeida e Tracy (2003), atualmente não há mais garantias e certezas a nortear o futuro, o que pode ser ainda mais definitivo quando se trata de jovens, e isso faz com que tudo aquilo que não “funciona” bem seja descartado, assim como os “olhos devem estar abertos” para as inúmeras possibilidades de retorno imediato constantemente oferecidas, para que nada se perca e o máximo de proveito seja obtido em menor espaço de tempo possível.

- O uso dos substantivos **início**, **começo** e do advérbio **depois**

O relacionamento é conceptualizado como uma viagem, logo, há a marcação do tempo da mesma. Algumas características são apresentadas como comuns ao início do trajeto, assim como outras identificam os momentos posteriores, conforme os seguintes exemplos:

(11) Não ligar muito para os defeitinhos dele é comum no início do namoro. (1069)

(12) Começo do namoro é sempre incrível e um dos motivos é porque a intimidade do casal ainda está sendo construída. (1086)

(13) No começo, era tudo lindo, mas depois eu pude ver que o príncipe encantado também tinha defeitos. Estava tão iludida que não consegui aceitar como ele era de verdade. (1091)

O começo do namoro é visto como sendo maravilhoso, semelhante àquela viagem tão esperada que nem mesmo os pequenos problemas incomodam. O garoto é idealizado, não tem defeitos, como o príncipe de um conto de fadas, mas o encantamento passa com o tempo e as dificuldades de relacionamento começam a aparecer, acabando com a ilusão de perfeição do início. Os sentimentos acabam por cegar os enamorados e impedem que eles vejam de pronto o que sempre existiu.

Estar em um relacionamento mais sério significa abrir mão de novas experiências e de certa mobilidade, além da insegurança em relação ao outro, que pode, a qualquer momento, resolver seguir por outro caminho, com novos companheiros de viagem. Bauman (2004) e Giddens (1993) mostram em seus estudos que assumir um compromisso é assumir o risco de sofrimento futuro caso o relacionamento seja encerrado. Desse modo, as “portas” devem estar sempre abertas, autorizando o nomadismo.

Além da incerteza do futuro, há certamente os contratempos possíveis a qualquer envolvimento. Chaves (2001) sinaliza que a experiência amorosa é limitada e imperfeita. A decisão de assumir compromisso deve, portanto, ser muito bem pensada, sendo reservada somente a garotos que sejam merecedores. Permanece ainda, como pode ser verificada, a ideia de que o amor torna as pessoas únicas, especiais, mas, enquanto os príncipes encantados não são encontrados, ou mesmo

se há o receio das implicações que surgirão desse encontro, segue-se a viagem, aproveitando-a com bons companheiros.

- O uso dos advérbios **ali** e **atrás**

O uso dos advérbios **ali** e **atrás** nos remete à metáfora PASSADO É PARA TRÁS, como se uma linha de tempo fosse existente. O indivíduo, observador do tempo em movimento, está parado no presente, com seu passado voltado para trás e o futuro, à sua frente. O relacionamento, então, é conceptualizado como uma viagem; o que já aconteceu, o passado, fica para trás. Conforme as transcrições a seguir, olhar para trás é observar o andamento do namoro, assim como as perdas e os ganhos obtidos com ele:

(14) Para convencer o seu namorado disso, faça-o enxergar que estava tudo bem até ali. (1073)

(15) Afinal, namorar significa deixar algumas coisas para trás, como a liberdade de beijar quem quiser na hora em que quiser. (1076)

Nessa viagem, a menina tem de abrir mão de algumas coisas, como a sua liberdade. Há algumas regras que devem ser cumpridas em um relacionamento, nem tudo é possível ou permitido.

Um grande obstáculo na jornada do amor é a perda da individualidade, da liberdade, advinda do compromisso com o outro, o que atrapalha o estar em movimento, aspecto tão essencial para essa geração. Em grande parte das edições, há conselhos para que a menina dê “espaço” para o namorado e para que ela não perca o contato com os amigos e faça programas sem o namorado. Observa-se, desse modo, uma tentativa de conciliar certo compromisso ainda existente nos relacionamentos, apesar de eles se encontrarem mais tênues entre os adolescentes, com a necessidade que liberdade e movimento que essa geração demanda. Vale a pena reiterar que essa busca pela individualidade, na verdade, é a busca pela identificação, pela aceitação do grupo, pelo sentimento de pertencer. O “espaço”, como os próprios jovens sinalizam, é requisitado para que se possa estar com a “galera”, sob o olhar do outro.

Quando algo não vai bem, avaliar o andamento da viagem pode ajudar a

verificar se vale a pena continuar com a mesma. Assim, se um pequeno obstáculo atrapalha a relação no momento, olhar para trás é a indicação dada à leitora para decidir o futuro com seu namorado.

- O uso do substantivo **passo** e da construção **pé atrás**

Um relacionamento é feito passo a passo, assim como uma caminhada. Em alguns momentos, é necessário avaliar se um novo passo deve ser dado, ou se é melhor esperar para prosseguir o trajeto. Os seguintes exemplos sinalizam essa concepção:

(16) O primeiro e mais importante passo nessa história é você gostar de si mesma. (1068)

(17) A pressão e a desconfiança dos amigos deles o fazem ficar com o pé atrás por um tempo. (1073)

(18) Portanto, antes de dar esse passo, converse bastante com ele e vá com calma. (1092)

A orientação dada às leitoras que pretendem iniciar um relacionamento é que a viagem seja feita com calma; mais uma vez é sinalizada a importância de que o ritmo dos meninos seja respeitado, pois eles não sabem lidar tão bem com os sentimentos quanto elas e, portanto, caminham mais lentamente. Cobranças e pressões devem ser evitadas.

A opinião dos amigos é fundamental para o bom andamento da viagem; se não houver incentivo por parte deles, ou pior, se eles não aceitarem a garota, o namorado pode sentir-se receoso para prosseguir com o relacionamento, sentir-se desconfiado e, assim, ficar travado para caminhar ao lado dela. Almeida e Tracy (2003) identificam a necessidade de aceitação da plateia como reflexo de uma sociedade que privilegia o movimento e o ato em detrimento à reflexão e que substitui a privacidade pela necessidade de exposição, devido à diminuição das fronteiras entre os planos internos e externos da existência.

- O uso dos substantivos **fôlego**, **gás**, **cavalo** e do verbo **engatar**

Em uma jornada, é necessário que os viajantes tenham ânimo, energia para continuar a viagem. Caso ela seja feita através de um meio de transporte, é preciso garantir que ele esteja em boas condições e tenha o combustível necessário para a locomoção.

As transcrições a seguir demonstram que os relacionamentos também precisam de ânimo e de combustível para continuar a existir, caso contrário, a viagem corre o risco de ser encerrada por falta de energia, ou seja, da motivação dos namorados:

(19) Variar o jeito de beijar pode dar muuuito fôlego para a relação. (1070)

(20) Sonhar juntos dá gás à relação. (1070)

(21) Uma mensagem engraçadinha pode ser a melhor forma de quebrar o gelo e, quem sabe, engatar um segundo encontro. (1087)

(22) Já seu príncipe encantado... Esse deve ter caído do cavalo ou errado feio o caminho para o seu coração! (1076)

Beijos variados e sonhos em conjunto são indicados como propulsores dos relacionamentos. O bom humor também é capaz de auxiliar a engrenar a marcha e fazer com o que o carro não pare e continue o seu trajeto.

O processo de conquista também se assemelha a uma viagem, em que o menino pode errar ou acertar o caminho para chegar ao coração da garota. No exemplo (22), o namorado tem a figura idealizada do príncipe, que utiliza um cavalo como transporte para completar sua jornada rumo ao amor.

Em toda viagem, há um percurso, etapas de deslocamento; e esse trajeto pode ser calmo ou conturbado, com ou sem obstáculos, monótono ou excitante. Existe a possibilidade de utilização de meios de transporte, que devem estar em boas condições para o prosseguimento da viagem, e com combustível suficiente para chegar ao destino.

Assim como a vida, o amor também precisa estar em constante movimento. A falta deste, simbolizada pela rotina, pode abrir espaço para o término da viagem e, conseqüentemente, para novos trajetos com outros companheiros. Quando o relacionamento é apresentado como o veículo nessa viagem, entre os combustíveis recomendados está a performance. Tratam-se dos “condenados da

aparência”, nas palavras de Ortega (2006), em um processo no qual a existência só se concretiza a partir do olhar do outro. A aparência substitui a essência, trazendo como consequência o esvaziamento do sujeito submetido a uma estética da “percepção”, como apontado por Almeida e Tracy (2003).

A evitação da rotina certamente também oferece ânimo para o prosseguimento da viagem; o movimento é ainda mais imperativo na cultura jovem. Diante de tantas possibilidades oferecidas pelo mundo atual, os jovens parecem estar sempre com a sensação de estar perdendo algo. Bauman (2005) e Almeida e Tracy (2003) ressaltam que a imprevisibilidade do futuro e a possibilidade de transitar por diferentes lugares, em qualquer momento, acarretam falta de sentido à permanência em um determinado lugar.

- O uso dos substantivos **alerta** e **sinal(is)**

Alertas e sinais fazem parte das regras de trânsito que devem ser respeitadas quando há tráfego. Do mesmo modo, algumas sinalizações indicam à garota quando ela deve parar ou dar atenção ao seu relacionamento. Às vezes, é a própria garota que envia sinais para seu namorado, mas nem sempre eles são eficientes, e, assim, acabam por indicar o caminho errado, prejudicando o bom andamento da viagem, conforme identificam os seguintes exemplos:

(23) Alerta vermelho: será que o garoto está interessado na sua amiga?
(1079)

(24) Se sua resposta for a segunda opção, sinal amarelo: tem ciúme demais aí! (1079)

(25) Alerta vermelho: a fofura pode parecer perseguição. Esse comezinho é gostoso, justamente, porque há um certo mistério no ar. (1084)

(26) Ou alguma coisa não vai bem no seu namoro, ou você está mandando sinais errados para o *garoto*. (1085)

Quando o alerta vermelho é acionado na relação, é o momento de a menina parar e começar a refletir se está tudo indo bem, o que deve ser melhorado e reconsiderado. Já a sinalização amarela requer a sua atenção; a leitora deve estar

alerta a algo que vem acontecendo e que pode ser prejudicial no relacionamento.

As garotas também mandam sinais para os namorados, mas a revista avisa que eles podem ser errados, fazendo com que os meninos ajam de modo diferente do esperando, até mesmo encerrando o namoro.

A viagem tem a necessidade da “curtição”, ela precisa ser agradável, divertida. Se obstáculos aparecem para atrapalhar o relacionamento, ou se simplesmente não há mais atrativos nele, deve-se questionar se vale a pena ou não mantê-lo. Caso haja o interesse, dicas são fornecidas para reavivá-lo e para evitar os contratempos e os sofrimentos.

O “rolar solto”, comum aos relacionamentos dos jovens, permite a movimentação, evitando a sensação de que se está perdendo algo. Mais uma vez, é presente o imperativo do nomadismo, indicado por Bauman (2005) e retomado por Almeida e Tracy (2003), efeito da inexistência de fronteiras e da “desfuturização do futuro” (PAIS, 2006).

Nessa viagem, o papel do homem e da mulher parece, em alguns momentos, ser um pouco diferente. Se cabe a ambos avaliar a relação e decidir o seu rumo, as atitudes das meninas que pretendem prolongar um pouco mais o trajeto são mais acentuadas, talvez pelo fato de o público a que se dirige a revista ser o feminino, mas o fato é que é atribuído a ela ser companheira, simpática, incentivadora, cuidadora, fazer programas que não gosta para agradar ao namorado, evitar cobranças, demonstrar segurança, mas sempre com muita sutileza, e não ser “grudenta”, claro. Quando houver alguma tribulação no caminho, mesmo que uma simples divergência de pensamentos, ela deve estar com a cabeça fria para evitar as brigas e os aborrecimentos.

A menina pode, sim, tomar a iniciativa e dar um “empurrãozinho” para engatar a ficada ou namoro, mas tudo de forma discreta, para não assustar o garoto, e deixar uma “brecha” para a continuação da jornada, mas é papel do menino ser o condutor. Se ela quiser ir adiante, deve ir com calma, respeitando o tempo dele, até porque os meninos não lidam tão bem com os sentimentos quanto as meninas.

Outro aspecto observado na análise da jornada amorosa é a tentativa de se imprimir à relação o mesmo fluxo de movimento existente no dia a dia dos jovens. A rotina é um dos maiores obstáculos que podem atravessar o caminho de uma relação. O casal precisa realizar programas diferentes, evitar fazer as mesmas

coisas sempre. Alguns combustíveis são apresentados à leitora como eficazes para o prosseguimento do trajeto e um visual caprichado é bastante recomendado, ratificando o imperativo da aparência; aquilo que você mostra, conforme defendido por Almeida e Tracy (2003), é o que você é. Buscar conversar, ainda que por programas de computador ou sites de relacionamento, também é algo indicado como importante na realização da viagem, mas os assuntos oferecidos como exemplos à leitora são sempre superficiais, como falar sobre o que aconteceu no seu dia ou contar um filme a que tenha assistido. Não há intenção ou interesse em maiores aprofundamentos, em conhecer melhor o outro.

O desempenho também é essencial, é preciso, portanto, praticar, beijar muito, para que se alcance a perfeição espetacular. A ficada perfeita é uma jornada com vários passos; começa com o visual adequado, passa pela escolha do local, até chegar ao beijo, sendo essa muitas vezes a etapa final. O que vale é a curtição, o momento e o movimento. Como dizem os jovens, “a fila anda”, o término de uma jornada é já o ponto de partida para o engate de outra.

Considerações finais

A utilização de metáforas para a apreensão do conceito de amor, como se pode perceber, não é uma questão de adorno. Através do uso de conceitos e imagens, pertencentes aos domínios-fonte, familiares aos falantes/ouvintes, é possível abranger melhor o domínio-alvo em questão.

O AMOR conceptualizado como VIAGEM comprova a necessidade do movimento, do ato, sinalizada por Bauman (2005) e por Almeida e Tracy (2003). Bauman afirma que a única liberdade negada a uma sociedade que está em constante busca, onde não há lugares predefinidos, é a de parar de se movimentar. A rotina é apresentada como indesejável; novos trajetos iniciam-se constantemente. Cobranças e controles devem ser evitados, pois impedem a mobilidade e a diversão. Se algo foge desse imperativo, é hora de repensar a validade do relacionamento.

Se os relacionamentos podem ser encerrados a qualquer momento, por

qualquer uma das partes envolvidas, seja porque não há mais interesse, ou pelo aparecimento de uma nova - e melhor - opção, esse é mais um motivo para que os jovens evitem um envolvimento mais sério. Assim, protegem-se contra sofrimentos futuros, caso venham a ser descartados pelo outro. Giddens (1993) já assinalara o paradoxo dos “relacionamentos puros”: é preciso se comprometer para que um relacionamento possa ter durabilidade, mas esse comprometimento é promotor de grande risco de sofrimento no futuro, caso esse relacionamento venha a ser terminado. Bauman (2004) identifica, então, a solução encontrada por aqueles que se envolvem afetivamente: o procedimento ideal seria curtir, aproveitar a companhia, mas com certo afastamento, pois um dia tudo poderá acabar.

O amor duradouro, confiável, por mais que seja almejado, é considerado um inimigo a ser combatido, uma ilusão que trará complicações e sofrimentos futuros. A geração do “tudo ao mesmo tempo agora” quer o retorno imediato, a garantia de satisfação e a mobilidade. A falta de segurança e o medo de não ter o investimento correspondido evita o comprometimento e estimula relacionamentos efêmeros e superficiais.

Para Chaves (2006), apesar de terem o ideal de casar e constituir uma família dentro do modelo romântico, os jovens o vêem como algo distante, alegando que é difícil encontrar “alguém especial”, e não parecem fazer esforço para alcançá-lo. Afinal, assumir um relacionamento com compromisso significaria abrir mão de um prazer imediato e sem esforço, ou seja, é abrir mão de satisfação e de liberdade individual em função do outro. Risco muito grande a ser corrido, de exposição e sofrimento, o qual requer, ainda, trabalho e disponibilidade.

A autora destaca também que a possibilidade de vários relacionamentos não proporciona aos jovens a experiência necessária para aprender a conviver com o outro e efetuar escolhas amorosas conscientes, devido à sua efemeridade. Ao contrário, esses relacionamentos ensinam a usufruir dos objetos e depois descartá-los, contribuindo para a banalização das relações. “O indivíduo experimenta o amor de uma certa maneira que é distinta daquela como ele o define ou idealiza. De qualquer forma, ao vivenciar uma outra prática amorosa se está engendrando uma nova concepção para o amor” (CHAVES, 2006, p. 827).

Observa-se, desse modo, que o almejado amor romântico, especial,

eterno, funciona melhor na teoria, de modo idealizado, pois seus benefícios (sim, os jovens reconhecem a existência destes) são incertos e o retorno nem sempre é imediato. Enfim, quando realizado, vem acompanhado de dificuldades, de angústia e de risco, e esse preço é considerado alto demais pelos jovens, que não estão dispostos, ou preparados, a pagá-lo.

Conforme mencionado, não há neste trabalho a intenção de generalização de resultados. Ao buscar verificar a representação dos relacionamentos amorosos contemporâneos em mídia impressa, a intenção é a de possibilitar uma reflexão acerca do que é gerado com/entre/para a juventude. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, específica, restrita a um único instrumento midiático, específico para o público feminino. Estudos futuros, no entanto, podem ser realizados com outros instrumentos para verificar a recorrência (ou não) das metáforas aqui destacadas.

Há ainda múltiplas possibilidades de pesquisas, em que sejam considerados, a partir da identificação das metáforas, não somente os relacionamentos, como também objetivos de vida, anseios, metas e dificuldades, para uma melhor compreensão do comportamento juvenil. Que este estudo possa ser elemento motivador para outros estudiosos que também convivem e são instigados por essa época fascinante da vida.

Referências

ALMEIDA, M.; TRACY, K. M. de A. **Noites Nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rocco: Rio de Janeiro, 2003. 252 p.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 192 p.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 112 p.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 260 p.

CHAVES, J. C. Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da Belle Époque. **Revista Análise Social**, Lisboa, v. XLI, n. 180, p. 827-846, 2006.

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993. 228 p.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002. 308 p.

_____. **Metaphor and Emotion: language, culture, and body in human feeling**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 243 p.

_____. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. 332 p.

LAKOFF, G. ; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980. 256 p.

LIMA, P. L. C.; FELTES, H. P. de M.; MACEDO, A. C. P. Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceitual. In: MACEDO, A. C. P.; FELTES, H. P. de M.; FARIAS, E. M. (orgs.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 127-165.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapa do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 42-58.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7-21.

REATO, L. de F. N. Sexualidade X meios de comunicação. In: WEINBERG, Cybelle (org.). **Geração Delivery: adolescer no mundo atual**. São Paulo: Sá, 2001. p. 73-82.

SCHRÖDER, U. A. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. **Alfa**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 39-56, jan. 2008.